



Universidade Federal
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

LAÉCIO FERNANDES DE OLIVEIRA

**HISTÓRIA LOCAL E RELAÇÕES ÉTNICAS: uma experiência
pedagógica na localidade Lagoa Grande**

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

LAÉCIO FERNANDES DE OLIVEIRA

HISTÓRIA LOCAL E RELAÇÕES ÉTNICAS: uma experiência pedagógica na localidade Lagoa Grande

Artigo apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Especialista no Curso Educação para as Relações Étnico - Raciais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Sob a orientação do Professor Me. Ariosvalber de S. Oliveira

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

HISTÓRIA LOCAL E RELAÇÕES ÉTNICAS: uma experiência pedagógica na localidade Lagoa Grande

*Quem faz a história oral, ela é de quem...
Bom Meihy*

RESUMO

Tendo em vista que o campo da história da oral vem ganhando destaque nas últimas décadas e que os documentos oficiais apontam para a importância do educando refletir sobre o contexto histórico local e sobre as relações étnicas e sociais estabelecidas no seu entorno, este artigo questiona como a história de uma localidade, tendo como fonte a oralidade, pode contribuir com a integração e a autovalorização desta comunidade e tornar o ambiente escolar um espaço mais significativo para os educandos. Para tanto, pontua-se como objetivo geral possibilitar aos/às discentes conhecerem a história e as relações étnicas de sua localidade, de sua escola e estimular o autorreconhecimento, a valorização da história local e a integração da comunidade escolar. Segue-se uma metodologia de base qualitativa segundo Silveira, Córdova (2009); de cunho bibliográfico, documental de acordo com Gil (2008). O desenvolvimento ocorreu na localidade Lagoa Grande no Município de Puxinanã – PB, na escola municipal de educação básica anos iniciais Cícero Gonçalves dos Santos. A base teórica utilizada dialoga com a perspectiva dos documentos oficiais sobre o ensino de história com ênfase na história da localidade, referenciando o conceito de história de Le Goff (1990); Walter Benjamin (1998); Thompson (1992) e Meihy (1996) no tocante a história oral. Os resultados apontam a história de uma localidade como fonte rica em conteúdos propulsores para o processo de ensino aprendizagem, ao mesmo tempo em que promove a valorização da história local, torna os educandos e a comunidade local agentes do processo educativo.

Palavras - chave: História local. Relações Étnicas. Experiência pedagógica. Gestão Escolar.

CONTEXTUALIZANDO...

Durante anos, o ensino deu-se de forma descontextualizada, as disciplinas e seus conteúdos eram abordados de forma singular, não se via nenhuma relação entre os mesmos. O discente era considerado como ser que chegava à escola sem nenhum conhecimento prévio, a escola e o professor como detentores do conhecimento e responsáveis por sua transmissão.

Na contemporaneidade, essa concepção de ensino torna-se obsoleta. Com o surgimento das novas perspectivas, o processo de ensino e todos nele envolvidos, passam a ser vistos holisticamente, a escola passa a ser parte de uma realidade e deve oferecer um ensino voltado para atender as necessidades de desenvolvimento dos alunos e da sociedade da qual fazem parte, os alunos passam a ser vistos em sua integralidade, toda sua carga de vivência e de conhecimentos, passam a ser considerados para que o ensino se desenvolva, o professor e a escola não são mais o centro do processo de ensino, mas peças fundamentais que criam possibilidades necessárias para que aprendizagem ocorra.

Outrossim, surgem os documentos oficiais, que passam a apontar as novas diretrizes para o ensino. E ao afirmarem em seu texto, que ao valorizar a experiência extra - escolar dos alunos e propor a vinculação entre educação escolar, trabalho e as práticas sociais, corroboram com a LDB, a qual é consonante com os Arts. 205 e 206 da Constituição Federal, que afirmam ser o fim maior da educação o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Dessa forma, as novas propostas pedagógicas, da escola, devem refletir o projeto de sociedade local, regional e nacional que se deseja, definido por cada equipe docente em colaboração com os usuários e outros membros da sociedade, que participem dos Conselhos/Escola/Comunidade e Grêmios Estudantis (BRASIL/DCNEF, p.1999). Frente a isto, o ensino deve pautar-se numa proposta comum a todas as esferas, que devem tomar por base essas diretrizes e respeitar a diversidade local. Ou seja, suas propostas devem adequar-se aos aspectos: histórico, político, econômico, social e cultural local.

É neste contexto educacional e no âmbito do ensino da história local evidenciando as relações étnicas, que situamos este artigo e questionamos como a

história de uma localidade, tendo como fonte a oralidade, pode contribuir com a integração e a autovalorização desta comunidade tornando a escola um espaço mais significativo? Acreditamos que a escola pode ser o local para se estudar a história local e estimular do autorreconhecimento, valorizar a história que não está no livro didático, a história dos que estão à margem, propiciar a integração da comunidade escolar e evidenciar a diversidade local.

À medida que a história local apresenta-se com ponto de partida para o processo de ensino aprendizagem e pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais e étnicas estabelecidas no contexto de vivência da comunidade escolar, ganha significado e importância no ensino básico, por possibilitar a introdução e formação de um raciocínio de história que contemple o individual, o coletivo, favorecendo a compreensão do entorno dos/as discentes, por identificar passado e presente em vários espaços do cotidiano e relacionar as histórias individuais, dos grupos e das relações de etnias com contextos mais amplos.

Nesta perspectiva procuramos possibilitar aos discentes conhecerem a história de sua localidade e de sua escola, estimular o autorreconhecimento, valorização da história, das relações étnicas locais e integração da comunidade escolar. De modo que, fez-se necessário pesquisar e registrar, a partir de fontes orais, a história da localidade Lagoa Grande e da Escola Municipal Cícero Gonçalves dos Santos; Transformar os registros em conteúdo didático das disciplinas tornando-o prático e significativo para os/às discentes e para comunidade escolar; Por último, dar vida e valorizar, no município, a história da localidade e suas relações étnicas: levando-as para o desfile cívico¹.

Buscamos dar aos registros feitos, o caráter de documento conforme Silveira e Córdova (2009) e Gil (2008), Bravo (1991) e Le Goff (1990), especificamente, a visão de documento monumento; a discussão teórica encontra base nos postulados do conceito de história de Le Goff (1990); Walter Benjamin (1998) e Thompson (1992); a história oral a partir da visão de Meihy (1996), além de Ramos e Santos (2016), sobre o índio e o espaço escolar.

¹ O desfile cívico aconteceu em 20 de setembro de 2015, na cidade de Puxinanã – PB. Seu tema surgiu a partir de uma proposta da Secretaria de Educação em trabalhar com a diversidade cultural, especificamente, fazendo um resgate histórico do surgimento da localidade, Lagoa Grande. Naturalmente, o tema central do desfile foi: *Lagoa Grande, suas origens: histórica, econômica, política e sociocultural*. Na ocasião, enquanto docente, exercia a função de gestor escolar na condição de cargo de confiança.

Consideramos que um ensino descontextualizado e engessado produz nos alunos uma espécie de alienação sobre sua própria história. Acreditamos que ao propiciar aos discentes um contato mais íntimo com suas raízes, estamos estimulando um clima de orgulho e de autorreconhecimento, levando-os a se tornarem cidadãos mais conscientes e atuantes, como destaca Pedroso citado por Bierhal e Ney (2016), que ao conhecer nossas raízes, a vida ganha sentido e se adquire identidade cultural.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Este trabalho configura-se nos moldes de um estudo qualitativo, haja vista se propor a solucionar uma problemática de sócio-educacional centrada no âmbito da história de uma localidade. O método qualitativo busca explicar o porquê das coisas, o que convém ser feito, sem quantificar valores e trocas simbólicas. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. [...] O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p. 30 - 32).

De cunho bibliográfico, já que nos propomos a realizar uma busca e análise da base teórico, visando o desenvolvimento do estudo. Segundo Gil (2008, p.46), uma pesquisa nestes moldes tem o objetivo é proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Documental, segundo Bravo (1991), enquanto método de investigação da realidade social, de caráter compreensivo, uma vez que passamos a entender os registros coletados e o levantamento bibliográfico como documentos, por serem representativos das práticas humanas, comportam-se como registros históricos e culturais (verbal/oral) das ações do homem em sociedade.

Estamos entendendo documento para além da concepção positivista, histórica e etimológica da palavra - algo objetivo, neutro, prova que apenas serve para comprovar fatos e acontecimentos numa perspectiva linear - mas como pontua Le Goff (1990, p.10), a ideia do documento como monumento, erguida sob os rumos da

Nova História, aponta que toda fonte histórica “exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro”. Como produto de uma sociedade, o documento manifesta o jogo de força dos que detêm o poder.

COLETANDO DADOS

Para reunir os dados históricos da localidade, fizemos uma pesquisa pautada em entrevistas com registros escritos (tendo em vista a ausência de fontes documentais que comprovassem a história local e a origem da escola², com exceção da placa de inauguração da unidade de ensino). O levantamento dos dados deu-se durante conversas com as famílias pioneiras (Pereira, Dantas e Gonçalves).

Uma das professoras, por ser membro das famílias e sob a orientação da gestão escolar, dispôs-se a realizar o registro das informações por meio de anotações a partir das conversas com o intuito de reunir conteúdo sobre aspectos: histórico, político, econômico e sociocultural, referentes à origem da localidade e da escola.

Duas visitas foram realizadas: uma ao Sr. Pereira, que relatou sobre a origem da localidade e as primeiras famílias que se constituíram ali; a segunda, a uma das primeiras professoras da escola – Dona Socorro (atualmente aposentada) - suas contribuições ocorreram sobre o surgimento do então grupo escolar e a história na localidade. O registro de alguns dados ocorreu por meio de ligações telefônicas, uma vez que a professora é sobrinha da terceira fonte: Dona Teresa Pereira.

De posse dos dados colhidos e, enquanto gestão, organizamos o material em apostila e distribuimos uma cópia para cada professora; foi feito um planejamento com cronograma de atividades com conteúdos pertinentes às disciplinas de língua portuguesa, matemática, geografia, história e ciências no período de abril a julho. Cada docente ficou responsável por seu planejamento didático e transposição do conteúdo, tendo à disposição a copiadora da escola. Como a instituição não tinha secretário, a gestão escolar que reproduzia as cópias.

As aulas foram introduzidas a partir de temáticas e, no final de cada sequência de aulas, ocorreram oficinas³ (com participação da comunidade): produção

² Segundo informação colhida na Prefeitura Municipal de Puxinanã, alguns documentos foram destruídos durante um incêndio que ocorreu entre 2009/2010. As famílias pesquisadas mencionaram ter registro de fotografias, mas que tinham se desgastado com o passar do tempo.

³As referidas oficinas já foram objeto de outro trabalho, estão sendo referenciadas para o entendimento de como se deu a produção dos materiais que formaram os pelotões do desfile cívico.

de materiais que compuseram os pelotões - do desfile cívico - que gerou os dados analisados neste trabalho. As temáticas: *Origem da localidade* - a oficina deu-se na produção de faixas; *Agricultura e desenvolvimento econômico* – produção da maquete de uma casa de farinha; *Artesanato* – produção de mini colchões de junco; *surgimento da escola* – produção de uma maquete da escola.

POR QUE A HISTÓRIA LOCAL E AS RELAÇÕES ÉTNICAS NO ESPAÇO EDUCACIONAL: refletindo sobre um breve recorte histórico sociocultural e a diversidade da localidade Lagoa Grande

A história local apresenta-se como possibilidade de trabalhar a realidade mais próxima das relações sociais dos discentes, tornando a escola espaço mais significativo por proporcionar o conhecimento e reflexão, não só sobre a história individual, mas, também coletiva. Ao trazer a história como acontecimento, fatos do cotidiano narrados por pessoas do presente, aquele aspecto histórico “velho”, desinteressante, é desconstruído privilegiando a história real e o protagonismo.

A categoria do real citada por Le Goff (1990) - a “historicidade” – [...] é aquilo que justifica a atitude de obscura certeza dos homens que se unem, “arrastados pelo enorme fluxo do progresso que os especifica, [...] “uma solidariedade ligada à existência implícita que cada um experimenta em si, numa certa função comum a todos”. (LE GOFF, 1990, p.13). Ou seja, a historicidade é aquilo que há de singular em cada indivíduo, em cada grupo e que também é coletivo, a exemplo do que caracteriza uma localidade Lagoa Grande:

Localidade rural - aspecto urbano - localizada no Município de Puxinanã – PB, a 12 km de Campina Grande. O nome Lagoa Grande surge a partir de uma grande lagoa existente na localidade, que durante o inverno transbordava, suas águas desaguavam no açude João Suassuna tornando inviável a passagem das pessoas na estrada que leva à cidade, segundo relato de algumas netas do Sr. João Pereira. Há alguns anos, a lagoa não enche mais, e, atualmente, encontra-se totalmente seca, assoreada, restando uma pequena cacimba com um restinho mínimo de água, a última vez que a lagoa teria recebido água foi na década de oitenta.

A partir do relato, entendemos que coletivo e individual estão imbricados, de tal modo que, a história de uma localidade mostra-se rica ao ponto de adentrar o espaço escolar com o objetivo de romper com os períodos clássicos consagrados pela ideia de evolução, de progresso e feitos grandiosos de homens desconhecidos,

levando ao ambiente educacional um significado novo, assim a história local ultrapassa o valor histórico e científico no interior de uma análise de sistemas históricos, pois contribui para explicar seu funcionamento, visto que não é apenas retratação de determinada sociedade/comunidade em dada época ou privilégios de histórias individuais.

Le Goff (1990, p. 16), a “história só é história na medida em que não consente um discurso absoluto”[...], pois o método histórico configura-se como método inexato, uma vez que a história que ser objetiva, mas não pode sê-lo, ao querer fazer reviver só pode reconstruir. Frente este cenário, o materialismo histórico sob uma pseudociência do determinismo histórico, vem sendo questionado pelos fatos e pela reflexão histórica sob a égide do materialismo das histórias vividas que ganham destaque a partir do século XX.

Como consequência da crítica à noção do fato histórico, Le Goff (1990) esclarece que os historiadores têm reconhecido “realidades” históricas descuidadas há tempos, trazendo para junto das histórias: política, econômica, social e cultural, uma história das representações, “história das mentalidades; história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do imaginário, que permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito” (LE GOFF, 1990, pp. 06, 07). Com isso, destaca-se as concepções globais da sociedade e das ideologias, das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma época.

A história oral, neste contexto, ganha terreno fértil, sendo vista como documento/monumento⁴, pois “sobrevive do que existiu no passado é uma escolha efetuada quer de forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa - os historiadores” (LE GOFF, 1990, p. 462). Ela retoma o passado e perpetua recordações, é passada adiante de forma geracional mediante narrativas, mediante fotografias, prédios antigos, lugares configurando-se como registros de memória individual e coletivo. Essa visão constata-se a partir do relato de Sr. Pereira (filho):

A história da localidade Lagoa Grande iniciou a partir do primeiro habitante, João Pereira (pai), que na década de vinte, já havia constituído família e residia na localidade. A família Pereira teve origem do casal: João

⁴ Documentos/monumentos são materiais de memória, é tudo aquilo que pode evocar o passado e perpetuar a recordação [...] é um legado à memória coletiva, (LE GOFF, 1990, p.462 – 470).

Pereira e Tereza.Pereira – *“uma cabocla brava de origem indígena - que meu pai encontrou na mata, quando procurava boi entocado, ele capturou ela, e levou ela para casa, casou com ela teve seis filhos”*. A segunda Família foi a Gonçalves, que começou com o casal, Cicero.Gonçalves dos Santos e Jose Maria G.Santos. (Grifos nossos).

A diversidade étnica é característica da(s) sociedade(s) brasileira(s): sua formação é atravessada pela herança colonial, posteriormente, pela herança africana etc. Contudo, é comum relegarmos aos povos indígenas uma herança secundária, como se eles não fossem os pioneiros nas terras tropicais frente à chegada do colonizador ou quaisquer outros. Do mesmo modo que são comuns os estereótipos, neste caso, em especial, a imagem do índio é transposta pelo narrador (José Pereira – filho) a partir da visão do colonizador: um selvagem, nu, incivilizado. De acordo com Ramos e Santos (2016, p.83), essa é uma visão herdada das crônicas dos “viajantes e exploradores portugueses acerca dos indígenas no período da colonização e de posterior folclorização da imagem do indígena na cultura brasileira, perpetuadas contemporaneamente”. E, tem permeado o imaginário social do que é “ser índio” ou de outra forma, hipoteticamente, como deveria ser uma “identidade” indígena, ideias que têm suporte em discursos “recorrentes e estereotipados”.

A esse respeito, concordamos com Ramos e Santos (2016), que a questão indígena seja abordada no âmbito da educação brasileira de forma que desconstrua estereótipos, a ênfase precisa estar nas mudanças ocorridas historicamente buscando uma aproximação entre o que se ensina e o que se vive. Precisamos fazer jus à legislação que torna obrigatório o ensino da temática indígena, no âmbito escolar, como a Lei 11.645/2008, que além de manter o ensino da história e da cultura afro-brasileira, presente na Lei 10.639/2003,6, acrescenta o ensino da história e da cultura dos povos indígena.

O trecho narrado mostra-se rico não só por constatar uma diversidade étnica na formação da localidade - Lagoa Grande – mas, sobretudo, por servir como registro histórico e cultural das formas de pensar e atuar em sociedade, demarcando a narrativa como documento. Considerando diversas perspectivas: a palavra, o gesto e os arquivos orais (LE GOOF, 1990), por sua carga de subjetividade, dado real em todas as fontes históricas sejam elas orais, escritas, ou visuais.

A história oral, a partir deste ponto de vista, caracteriza-se com fonte que se contrapõe à forma erudita de fazer história, “a evidência oral, transforma os objetos de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva,

mais comovente e também mais verdadeira”(THOMPSON,1992, p.18). É um recurso, mecanismo moderno usado para validar algumas experiências. Um tipo de narrativa segundo Meihy (1996), que através de entrevista gravada, filmada ou registrada por escrito, tem fundamento de suporte material. Permite uma reflexão quase sempre variável das possibilidades da documentação escrita e quebra hegemonia.

Uma história de tradição oral - praticada de forma geracional, de acordo com Meihy (1996), uma vez que, pelos contatos entre grupos, comunidade de tradições que superam o espaço geográfico, permite a sobrevivência das tradições míticas, das receitas de culinária e medicinal, que acabam por carregar uma memória que tem certa antiguidade.

De acordo com Le Goff, o interesse pela memória centra-se nas complexas atividades *mnemônicas* do cérebro e do sistema nervoso:

O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas, também, a releitura desses vestígios e os processos de releitura podem fazer intervir centros nervosos muito complexos e uma grande parte do córtex, mas existe um certo número de centros cerebrais especializados na fixação do percurso *mnésico* (LE GOFF, 1990, p. 366).

O ato *mnemônico* é fundamental como "comportamento narrativo", pois ele é comunicação entre sujeitos da ausência de um acontecimento ou objeto que constitui seu motivo, com isso caracteriza-se como uma função social, ao passo da “intervenção da linguagem, ela própria como produto da sociedade” (LE GOFF, 1990, p.367). Conduz a uma aproximação entre linguagens e memórias. A esse respeito destacamos as narrativas de Sr. Pereira – filho e de Dona Socorro, como linguagem carregada de memórias que atualizaram a história da localidade permitindo a (res)significação por parte da comunidade escolar:

Sr. Pereira – filho: em 1935, a agricultura daqui era a mandioca, o feijão, o milho, a fava e a batata inglesa, os produtos eram cultivados para suprir a necessidade das famílias durante todo ano, o que sobrava era levado em animais para comercializado em Campina Grande e no Sertão da Paraíba. Nesse ano, meu pai construiu a primeira casa de farinha na sua propriedade, que funcionava à manual e beneficiava toda a comunidade, a agricultura da mandioca era muito grande e envolvia as famílias no processo de produção. Tinha o artesanato, o corte - costura, crochê, a produção maior era de colchão do junco, acontecia na casa do Sr. Cícero. O colchão e o junco eram vendidos em Campina Grande.

Dona Socorro: de 1932 a 1935, Lagoa Grande ganhou a primeira escola, que funcionava de forma meio improvisada na casa do Sr. Manoel Dantas.

e sua esposa, a filha deles foi a primeira professora da escola por vários anos.

Dona I. Pereira dos Santos e Dona T. Pereira de Jesus, as primeiras alunas da escola dizem: a professora alfabetizava os alunos: “insinuava a lê e escrever e a fazer as quatro conta de forma simples e os alunos gostavam muito”.

Dona Socorro, em 1983, o prefeito era Pedro Rodrigues Sobrinho, era sua terceira gestão, ele construiu em Lagoa Grande a escola Municipal Cícero Gonçalves dos Santos, inaugurada em agosto do mesmo ano. Seu nome foi em homenagem ao pai do Sr. A. Gonçalves dos Santos, o Sr. Cícero Gonçalves dos Santos - proprietário das terras.

Estas narrativas/memórias - história viva - ganhou um novo sentido ao ser (re)significada no espaço escolar, uma vez que, segundo Wanter Benjamin (2005, p.14), a história deve ser interpretada a contrapelo, evidenciando “o ponto de vista dos vencidos”. O interesse do autor evidencia-se pela luta de classes, ponto central do materialismo histórico - a história vivida. O autor de, *As teses benjamínicas*, defende um aprofundamento das discussões pela oposição “entre o marxismo e as filosofias burguesas da história com objetivo de aguçar seu potencial revolucionário e elevar seu conteúdo crítico” (BENJAMIN, 2005, p.30).

Embora este olhar não se evidencie de forma literal neste trabalho, gostaríamos de ressaltar que ao escolhermos a história local como objeto do processo de ensino - aprendizagem, o fizemos optando pela história daqueles que ainda não foi contada, que não está no livro didático. Assim, escolhemos compreender e levar à compreensão, a história humana daquela localidade, é esse o fim da história ao modo benjamíniano (2005), proporcionar nova compreensão da história humana.

Principalmente, porque segundo Benjamin no texto, *O Narrador*, fomos perdendo a capacidade de narrar experiências, principalmente, com o impacto das sociedades híper - globalizadas: “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. [...] as ações das experiências estão em baixa [...]”, (BENAJAMIN, 1998, p.198). Para o estudioso, fomos perdendo a capacidade, primeiro de criar espaços nos quais pudéssemos trocar experiências e o mais importante, pudéssemos experienciar uns com os outros.

Sob essa perspectiva, faz-se relevante que a escola oportunize o conhecer e estudar a história local contemplando a pesquisa e a reflexão sobre as relações étnicas e sociais construídas, estabelecidas individualmente e em grupos, bem como refletir sobre seus valores e práticas cotidianas. Relacionando-as com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio, à localidade, à sua região e à sociedade.

Ideia que consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – (1996), ao afirmar ser imprescindível definir o currículo escolar nacional comum, mas que haja uma complementação dos conteúdos entre o que é local e regional das sociedades, recomendação essa, também, endossada no Art. 26 da lei 1.796 de 2013.

A HISTÓRIA LOCAL E A DIVERSIDADE ÉTNICA, FONTE PARA UMA EXPERIÊNCIA EXTRAMURO ESCOLAR

Ressaltamos que a história de surgimento do desfile cívico é perpassada por movimentos semânticos que transitam do *nacionalismo*, nas Eras Vargas, com ideais advindos da revolução francesa, ao *patriotismo* no final da década de 40, que trouxe novos valores como nos alerta, Luca Ppellano (2010), o sentimento de orgulho, amor e devoção à pátria e aos seus símbolos.

Após a década 60, ocorre um novo movimento semântico, de acordo com o autor - o *civismo* - impulsionado por valores e práticas de normatização e harmonização, defesa das instituições e deveres para com a Pátria. Já na década de 80 – 90 impulsionadas pelos movimentos “diretas já” e início do século XX e, posteriormente, com as várias manifestações de rua, o sentido do desfile converge cada vez mais, para o conceito de *cidadania*, já que estamos falando de cidadãos empoderados: da sua cidade e do seu território. Foi com esse objetivo que caminhou todo este trabalho e prosseguiu com o desfile: levar aos verdadeiros donos a sua história, torná-los cientes de sua posição ativa na sua localidade.

O primeiro pelotão do desfile cívico, cujo tema foi - *Lagoa Grande, suas origens: histórica, econômica, política e sociocultural*, trouxe subtema – *a origem da localidade*.





Fonte: acervo do pesquisador (desfile cívico/set/15).

Este pelotão contou a história da lagoa que deu origem ao nome da localidade, para isso, foi reproduzida, por uma mãe da escola, uma imagem atual representativa da lagoa. Embora essa imagem tenha sido da lagoa seca, assoreada, da forma que se encontra atualmente. Muitos dos presentes no desfile puderam lembrar e reviver imagens da infância que estavam perdidas, dos tempos de cheia do inverno em que a lagoa transbordava e suas águas encontravam às do açude João Suassuna, às margens da cidade. Esta narrativa foi muito bem posta por Sr. Pereira. – filho - e suas netas, ao relatarem que ficavam impedidas de ir à escola, porque as águas da lagoa tomavam toda estrada.

A narrativa ganhou vida em espaços diferentes, primeiro com os alunos em sala de aula, a partir das leituras feitas pelas professoras, posteriormente, os próprios alunos dão vida à narrativa pelas ruas da cidade. Enfatizamos o ato de lembrar para narrar e sua importância como comportamento narrativo, como bem nos lembra Le Goff (1990), a memória tem a capacidade de atualizar impressões ou informações passadas ou que o homem representa como tal e através da comunicação entre as pessoas, na falta de um acontecimento ou objeto, constrói seu motivo, caracterizando a função social do ato de narrar. Ao mesmo tempo em que demonstra a intervenção da linguagem como produto da sociedade e a aproximação entre linguagens e memórias.

A história local ganhou significado, importância e destaque quando possibilitou aos presentes a reflexão sobre a história individual e a coletiva, apresentando as relações sociais e a diversidade étnica que se estabeleceram na realidade mais próxima. Foi esse o objetivo do segundo pelotão com subtema: *Primeiros Habitantes – Famílias Pereira e Gonçalves.*



Fonte: acervo do pesquisador (desfile cívico/set/15).

Este foi o momento de narrar aos presentes a história das primeiras pessoas que deram início à localidade: tivemos a representação dos primeiros habitantes pelos bisnetos: Matheus representando seu bisavô - Sr. João Pereira. e M. Eduarda. - representando sua bisavó de descendência indígena. Destacamos que ao criar possibilidades para que os alunos conhecessem a história de sua localidade, perpassada pela temática indígena, a escola humanizou as relações étnicas existentes na localidade. Conforme Ramos e Santos (2016), apresentando-as como da intimidade dos discentes, estimulando a quebra de estereótipos por partes de toda comunidade escolar. Além de estimular a autovalorização da comunidade, pois presenciamos a emoção das famílias Pereira e Gonçalves, ao aceitarem o convite para compor o pelotão, demonstrando que compreenderam nossa intenção e sentiram-se verdadeiramente homenageadas. Trouxeram mais significado, tanto para nosso trabalho, como para a vivência dos alunos, pois muitos deles eram filhos, netos e bisnetos e estavam todos experienciando as mesmas narrativas e construindo tantas outras. Era a história viva que se passava diante de todos.

Este pelotão foi muito rico, porque foi para além da representação para um público, ultrapassamos os limites, quebramos os muros e as barreiras que existiam entre escola e família, entre escola e sociedade. Pois não aceitamos a crítica de Benjamin (1998), de que perdemos a capacidade de narrar experiências diante das sociedades globalizadas, reativamos nossa capacidade de intercambiar experiências, visto que criamos espaços nos quais fomos capazes de viver e (res)significar o passado, atualizando-o, projetamos narrativas futuras. A história tornou-se representativa por sua historicidade (LE GOFF, 1990).

Assim, a história local mostrou-se rica, pela sua capacidade de gerar documentos repletos de memória. Esclarece Le Goff (1990, p.470), são as

lembranças que dão sentido à vida das pessoas, significam em determinados espaços. O documento/monumento evoca o passado, perpetua recordações, que são passadas adiante de forma geracional mediante narrativas.

É sob esta ótica que se forma o terceiro pelotão - subtema: *Agricultura Local*.



Fonte: acervo do pesquisador (desfile cívico/set/15).

A partir de uma maquete da casa de farinha, que atualmente resiste ao tempo e serve de depósito para coisas sem muita serventia, o presente resgata esse símbolo da história econômica, que trouxe o desenvolvimento local e era meio de subsistência de boa parte das famílias, não como mera recordação inócua do passado, mas como elemento de memória de um passado rico economicamente. Contrastando com um presente de declínio do cultivo da mandioca, o que torna a casa de farinha elemento simbólico, ponte entre presente e passado, um documento/monumento (LE GOFF, 1990), visto que serve ao desenvolvimento e aos diferentes tempos daquela comunidade.

O quarto pelotão, também, traz um elemento símbolo do desenvolvimento e subsistência das famílias: o artesanato construído da matéria prima do junco/arbusto, que crescia no interior da lagoa quando as águas baixavam, servindo para confecção de colchões pelas famílias da localidade, principalmente, as mulheres. As crianças carregaram ramos do junco simbolicamente. Logo após a faixa, algumas crianças traziam mini colchões produzidos durante a oficina de artesanato com as mães.



Fonte: acervo do pesquisador (desfile cívico/set/15).

A história oral, geracional, que passa de pessoa a pessoa, foi a fonte de resgate dessa tradição da localidade e possibilitou a (res)significação de uma prática artesã de outra geração pela geração atual. Não só as mães, no momento que estavam reunidas construindo os colchões, mas, também, as crianças que passaram a usar os minis colchões em aulas de leitura no cotidiano escolar. Além do público presente no desfile, que pode (re)conhecer a prática artesã comum à localidade Lagoa Grande, há muito esquecida por alguns e desconhecida de tantos outros.

Nesta perspectiva, reafirmamos o dito por Thompson (1992, p.18), que a história oral contrapõe-se à uma “tradição erudita de fazer história”, pois a ênfase da oralidade está em transformar em sujeitos, os objetos de estudos, resultando em uma “história mais real, mais viva” e comovente. Dialogamos também com Meihy (1996), pois a história oral afirma-se como um instrumento de legitimação de experiências não registradas em documentos escritos, ou se estão, têm uma outra mensagem de caráter subjetivo. A partir das narrativas registradas em um suporte material, permite reflexão quase sempre nas mesmas condições da documentação escrita.

O último pelotão trouxe o subtema-*Evolução histórica da Escola Cícero Gonçalves dos Santos* – e narrou a história da escola a partir da história de vida dos estudantes, que por ela passaram e atualmente são profissionais atuantes na localidade como: Agente de Saúde; Técnica em Enfermagem; Fisioterapeuta e Professora.



Fonte: acervo do pesquisador (desfile cívico/set/15).

Com isso, acreditamos que proporcionamos à comunidade escolar compreender que, a realidade histórica de sua localidade e de seus habitantes, não se dá de forma isolada, mas que fazem parte de um processo histórico em que populações locais constroem suas identidades étnicas, culturais e sociais. Que essas identidades são diversas e todas são merecedoras de respeito. Dialogamos com os PCN's (BRASIL, 1997) de História, quando apontam a importância de abordagens que favoreçam a compreensão dos alunos relacionando às estreitas questões referentes à memória na construção do conhecimento histórico, na construção da identidade individual e social.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, não optamos pela história do vencedor, aquela que se encontra no livro didático, escolhemos a história dos que estão à margem, a história dos que ainda não foi contada nem conhecida pela maioria. Escovamos a história a contrapelo conforme (WALTER BENJAMIN, 1998). Dessa forma, a partir da historicidade revelamos a diversidade e oportunizamos (res)significações das relações étnicas presentes na comunidade, praticamos a inclusão e tornamos o espaço escolar mais significativo para os discentes e toda comunidade.

Dialogamos com as diretrizes oficiais ao apontarem que a educação deve ser ofertada tendo o aluno como centro do processo de ensino aprendizagem, uma educação voltada para atender às necessidades de um sujeito que precisa sentir-se como tal, mas, que para isso, precisa se inserir na sociedade e se fazer parte dela, não como mero espectador, mas como um cidadão atuante, ciente da sua contribuição para com ela e, sobretudo, da importância desta em sua vida.

Também, seguimos as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Básico (1999), quando afirmam que a escola desejável deve seguir os preceitos de formação para cidadania, de forma que a prática escolar favoreça o desenvolvimento de habilidades para além de aprender os conteúdos, mas que haja a possibilidade de compreender melhor a realidade. Participando de forma crítica das relações sociais, políticas e culturais diversificadas. Isso levará os educandos a exercerem, de forma efetiva, a cidadania. Nesse sentido, é a escola que deve escolher como objeto de ensino os conteúdos que estejam ligados às questões sociais, que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são as consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres.

Obviamente, os caminhos nos são muito amplos, assim como os temas a serem explorados, mas é responsabilidade de gestores e professores buscarem mediar situações com os alunos que os conduzam a conhecer aspectos ligados ao surgimento e desenvolvimento da localidade onde moram, evidenciando a diversidade cultural e étnica, intrinsecamente, associadas às suas vidas e de suas famílias.

Foi prazeroso propiciar a todos a oportunidade de conhecerem e reviverem cada acontecimento, ouvir algumas funcionárias, da escola, relatarem que seus familiares vivenciaram aquela história da fundação da escola; que seus pais trabalharam na primeira casa de farinha; ou que seus avós falavam do tempo em que a lagoa enchia e ninguém conseguia passar na estrada, porque era inundada pelas águas da lagoa. O caminho trilhado mostrou-se enriquecedor, e posteriormente, vir as professoras transpor esse conteúdo para sala de aula, foi gratificante.

Muitos depoimentos nos chegavam, a exemplo de pais que falaram *“eu não sabia que a comunidade tinha surgido assim, que as famílias Pereira e Gonçalves tinham sido os primeiros habitantes, caramba! E que a esposa de seu J.Pereira tinha sido uma cabocla braba (indígena), que tinha sido capturada no mato por ele e depois casaram”*. O trabalho mostrou-se revelador das relações étnicas locais, pois revelou a identidade indígena presente na formação daquela localidade, assim como é presente na identidade do país e oportunizou olhar para identidade indígena sem estereótipos, fora de data comemorativa como comumente é feito.

Diante do exposto, não só respondemos nossa questão inicial que a história de uma localidade, tendo como fonte a oralidade, oferece grandes contribuições no âmbito educacional por favorecer a integração e autovalorização da comunidade, tornando a escola um espaço mais significativo. Também, confirmamos nossa

hipótese de a escola pode ser o espaço para se estudar a história local, principalmente, pela prática da inclusão.

Certamente, não esgotamos o tema trabalhado, mas alcançamos nosso objetivo de levar a história da localidade Lagoa Grande aos ouvidos de seus filhos, de fazer com que filhos, netos e bisnetos vivenciassem, de alguma forma, a história de seus familiares. Constatamos que a educação trabalhada nessa perspectiva, projeta a escola para extramuros, disseminando e propagando seus efeitos educacionais e cumprindo sua função social. (Res)significando as palavras de Antônio Cândido: que literatura humaniza, a escola, a educação, também, mostra-se nesse patamar, elevando homens/mulheres à condição de cidadãos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Aviso de Incêndio**: uma leitura das teses sobre o conceito de história. São Paulo, Boitempo, 2005.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Obras Escolhidas**: magia e técnicas arte e política. São Paulo: Ed. Brasiliense.1998.

BIERHAL, Márcia Regina. NEY, N. B. C. Conhecendo as comunidades, fortalecendo saberes. In: **XIII Encontro Nacional de História oral**: História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade. Associação de História Oral: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. 2002, n.19, [pp.20-28]. ISSN 1413-2478.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social**: Teoria e exercícios. Madrid: Paraninfo, 1991. 7 edição.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília-DF. 1988. [Art. 205, 206].

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – nº 9394/96. Brasília-DF, 1996.

BRASIL,Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Parecer CEB nº: 01/99. Brasília-DF, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília-DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do ensino fundamental – História e Geografia.** MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008. 6 edição.

KLEIN, Ana Maria, PÁTARO, Cristina S. de Oliveira. **A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania.** In: Revista Cordis de Educação, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 1990.

PPELLANO, Luca. **Significado do Desfile Cívico de 7 de setembro.** São Paulo, 2010. In.: <https://sites.google.com/site/lucappellano> educação e experiências pedagógicas significado do desfile cívico de 7de setembro. Acesso em 10/12/2018.

RAMOS, Viviane Kate Pereira. SANTOS, João Marcos Leitão. Repensando a Figura Indígena na Contemporaneidade: apropriações e resistências online através do site índico educa. In: **Ubuntu: educação, alteridade e relações étnico-raciais.** OLIVEIRA, Ariosvalber de Souza, [et al.], org(s). João Pessoa: Editora do CCTA, 2016. P. 83-104.

SILVEIRA Denise Tolfo. CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. In: **Métodos da Pesquisa.** Organizadoras: Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009, p. 31-43.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.